

1.º Anno  
N.º 7

Revista quinzenal illustrada  
Litteratura e critica

# ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia  
R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranesse

Editor responsavel  
Antonio de Castro Martins

Guimarães, 25 de Outubro de 1903

Proprietario e administrador  
Antonio Dantas



*Dona Domitilla de Carvalho*

ALFREDO PIMENTA

## Dona Domitilla de Carvalho

Nunca duas linhas tracei a respeito d'uma mulher—ou fosse burgueza fallecida ou litterata glorificada. De modo q., quando me convidaram p'ra escrever alguma coisa acompanhando o retrato da poetisa Domitilla de Carvalho, eu tive tentações de não aceitar. Mas, considerando, accedi, por vêr q. se tratava d'uma Mulher de talento, d'aquella q., mais nitidamente, o tem revellado, no meio da nova geração feminina. Raramente, parcamente, no tempo elogio. Quando o faço, porém, posso dizer como Henri Heine: *quand j'ai lieu de louer alors les paroles s'échappent débordantes du fond de mon cœur* (1).

Domitilla de Carvalho define-se em poucas palavras: cerebro bem constituido e de força bem aproveitada.

Conheço-a de Coimbra, de encontra-la na rua da Trindade, á vinda das aulas, sosinha, num passo normal e seguro de quem conhece o caminho q. vaê trilhando. E ella conhece-o, q. o vemos claramente, o caminho do Estudo, o caminho da Arte.

A sua Arte é a Arte das mulheres portuguezas d'hoje, lyrica, infantil, d'um mysticismo feminino, q. nos faz fechar os olhos num sonho q. nos mostra tudo branco, tudo claro, com umas *nuances* de tristeza agradável.

Producta da educação intellectual, da educação domestica mesmo, do meio natural e quasi permanente, a Arte da mulher portugueza, em geral, não indica concepções bizarras, ideais avançados; a Arte da mulher portugueza é uma especie de figura de *biscuit*, propria para ter numa meza de sala de visitas burgueza. A Arte da Mulher d'hoje não faz mal a ninguem, não provoca apoplexias nos Conselheiros, não irrita os nervos dos dandys-banais e não provoca calefrios em quem a examina. E' esse talvez o seu unico defeito, defeito q., de resto, não cae sobre as Artistas. Ellas não são um producto de si mesmas, são o resultado do q. as cerca, do q. as move, do q. as faz pensar. Ora a Mulher, em geral, note-se, repito-o, vive nos salloens, no meio de meninas anemicas e pudicas, q. se pintam e perfumam, q. se suicidam, dançando, q. assassinam a grammatica, escrevendo, q. assassinam a muzica, tocando-a. Vive nos salloens, no meio dos rapazes da *nossa sociedade* q. recitam a *Judia*, a *lua de Londres* e q., lendo a *Morte de Dom Joam*, por acaso, tratam de investigar se aquelle Dom Joam é o Dom Joam V, se o Dom Joam VI...

Positivamente, assim, a Mulher, não descendo á rua p'ra analysar a Multidão, não conhecendo os dramas q. dia-a-dia se desenrolam no Povo, as miserias q., hora-a-hora, o apoquentam, as podridões em q. elle pullula, as pustulas q. o roem, o Ideal q. o anima, só poderá dar-nos obrinhas d'Arte q. são agradáveis *à coup sûr*, mas só sendo lidas, de manhã, ao accordarmos d'um somno bem dormido.

A Mulher vive num mundo áparte, num mundo como o dos romances d'Erckmann-Chatrian de quem Zola diz: *son monde n'est pas assez mau-*

*vais pour vivre de la vie réelle* (1), mas q. é um mundo pouco verdadeiro, e q., por tal, a faz produzir obras bonitas ás vezes, destituídas de senso outras, e óccas sempre. *Le mal n'est plus que l'agent provocateur de la pensée, la souffrance qu'une sollicitation au travail* (2). E o mundo em q. a Mulher vive não é o mundo em q. o verdadeiro Mal existe, em q. existe o verdadeiro sofrimento. Da esphera falsa em q. a collocam, ella vê as Multidoens atravez d'uma nevoa enganosa, ella ouve os gritos da Miséria, os choros das Creanças, as pragas da Fome, tudo o q. a Desgraça produz, tudo o q. na Desgraça germina, modificado, amaneirado, suavizado, não vá ferir a pudicia, a innocencia... E depois, quando dá entrada na vida livre, tudo são decepções, espantos, coisas novas q., se a educação primeira fosse d'outro modo, o mais q. fariam seria impulsionar o Espirito p'ra novos trabalhos, aperfeiçoar o Cerebro p'ra uteis concepções, encaminhar a Alma p'ra um Amor humano e nobre e q., assim, apenas servem para levar a Mulher á degradação da Consciencia, ao desprezo da Dignidade propria e da alheia, á morte do Sêr moral.

A Mulher assim semelha-se a um montanhez lançado de repente no meio dos *boulevards* de Paris.

Embasaca e perde-se...

Eduquem a Mulher do mesmo modo, nas mesmas circumstancias em q. se educa o homem, e ver-se-ha, depois, se não poderá haver uma trajica como Shakspeare, uma poetiza como Victor Hugo. «A Mulher foi feita para amar» é a theoria velha. Mas essa theoria não vinga, porq. nós conhecemos grandes homens com Alma tam grande para o Amor como as maiores Mulheres. Q. coraçãõ de Mulher se pode comparar ao coração do Christo? E o Amor de Jesus é o verdadeiro Amor, é o amor da Natureza, é o amor do Espirito, é o amor da Humanidade. E' o amor q. revoluciona mundos, é o amor q. revoluciona ideais. Foi esse amor q. fez 80. Será esse amor o q. hade quebrar fronteiras, aniquillar exercitos, destruir thronos, desmoronar altares. Será esse amor o q. hade produzir a *débacle* enorme, a *débacle* immensa porq. a Humanidade aspira, p'ra q. a Humanidade lucha e d'onde ha-de sahir o Triumpho da Luz, da Verdade, da Justiça!

Sim, porq. não é o amor do *gargarejo*, o amor das olhadelas na missa, o amor dos apertos-de-mão fugitivos, das palavrinhas trocadas num encontro, da *telegraphia-sem-fios*... o verdadeiro Amor, o amor q. fez o *Châtiments*, a *Patria*, o *Travail*.

E' este o amor q. nobilita o homem, q. o arrasta para a lucha, q. lhe dá forças e energias.

Domitilla de Carvalho, ou antes, a Arte de Domitilla de Carvalho tem este defeito—o defeito commum á Arte de todas as Novas portuguezas.

Não tomem á conta de paradoxo, portanto, as conclusões a q. chego, apòz o fallar da educação da Mulher e o eu ter dito, anteriormente, q. as forças do cerebro de Domitilla de Carvalho eram bem aproveitadas. São-o no caminho q. a Arte da Mulher segue. Porq., nesse ponto, ella é a primeira, em valor, de todas as Novas.

De resto, até mesmo os modernos poetas portuguezes—a ultima geração—cambaleam, phantasiam, dizem elles proprios, sonham. Antonio

(1) *Correspondence* inédita de Henri Heine, vol. 1.º, pag. 6. Lettor á Frédéric Steinmann.

(1) Zola, *Mes Haines*, pag. 182.

(2) Eugène Pelletan—*Les uns et les autres*, pag. 195.

Corrêa d'Oliveira, o melhor, pede banhos de chuva e exercicios de *box*. Antonio Nobre fez um mal enorme á Arte portugueza: elle, um *typo* excepcional, uma individualidade característica, um temperamento alheio, completamente destacado, uma anomalia doentia, não podia escrever outro livro q. não fosse o *Só*. O proprio titulo do livro indica, de sobra, quem era Antonio Nobre. *Só*. Elle mesmo devia estar convencido de q. não podia, não devia fazer eschola. Fê-la, porém. Porq.? Pela patetice dos q. o leram. E todos quizeram ser tysicos, e todos quizeram cantar as tysicas, e os sinos e as romarias e os pescadores. Resultado? Uma *blague* de q. a gente se ri. Povo doente... povo de sonho... Qual doente! qual sonho!

E' um povo q. vive do passado, dizem. Do passado? Então só agora. Quando fez as descobertas, vivia do passado? Quando conquistou, vivia do passado? Então para q. as descobertas, para q. as conquistas? Não era isso, então, o futuro? Quando combateo pela pseudo-liberdade ao lado de Dom Pedro, era pelo passado?

Deixemo-nos de historias: não ha povo q. viva para o passado. A Vida o que é? Caminhar p'r'o não-vivido. O povo tambem para lá caminha.

Mas meteo-se na cabeça dos poetas d'hoje serem Antonio Nobre e não ha quem os tire d'ahi. E q. Arte é a d'elles? Uma Arte mentirosa, uma Arte falsa. A Arte tal como ella deve ser, considerada na sua ideia methaphisica, tem por fim, como methaphisicamente o affirma Schopenhauer, *communicar a Ideia concebida* (1). Comunicar a ideia concebida é educar. Ora o q. é a Educação senão o dar elementos psychicos novos a um espirito? Q. resultado util tiramos, dizendo a uma creança tudo o q. se passou, escondendo-lhe o q. pôde dar-se? Q. resultado util tiramos nós dizendo a um homem q. sae d'uma floresta, q. nella havia animais ferozes e salteadores, não lhe declarando, ao mesmo tempo, q. no deserto para onde elle se dirige, as mesmas fêras vai encontrar?

Não seria preferivel dizer-lhe só o q. vai acontecer de geito (2)? Porisso Nordau diz q. a Historia não é uma sciencia. Portanto a Arte deve caminhar para o Futuro, a Arte deve educar os povos e a Educação dos povos tende para a Revolução. A Arte deve ser, tem de ser revolucionaria para ser verdadeira, para poder ser tomada a sério. E ella assim não foge á definição dada por Zola, a melhor definição até hoje formulada. A Natureza não se limita só á Natureza physica: tambem á Natureza social. Os homens são o producto do meio, unica e exclusivamente. A liberdade psychica é uma falsidade. O q. são os grandes livros senão o reflexo da occasião em q. foram produzidos? Inutil, p'ra mim, é citar. Leiam. Vejam as epochas.

Ora se o nosso meio é um meio de batalha, de conquistas intellectuais em q. o Preconceito com a Verdade, o Constituido com o Novo lutam uma lucta de Morte, se nós somos filhos d'um povo soffredor, d'um povo q. quer pão e q. quer luz, q. quer Liberdade e quer Amor, q. quer o lugar q., de direito, lhe compete na Natureza, p'ra q. nos lançamos em doutrinas esotericas do passado, em sonhos de Sebastianismo,

em patacoadas de mysticos retrogrados? Para q. inspirar-nos em Bernardim, q. viveo no seculo 16, em Camoens, morto ha mais de 3 seculos? Admiral'os? Sim. Seguir-lhes a ideia, não, nunca. As fontes da nossa inspiração estão nas descobertas da Sciencia. O Futuro é d'ella. D'ella só hade sahir o mundo da Verdade.

Porisso, se Domitilla de Carvalho já hoje é uma poetiza digna do nosso respeito, será digna da nossa admiração, terá direito a *ficar* na litteratura portugueza quando, desprezando os moldes a q. queiram sujeitar a Arte, nos cantar a Justiça q. é o sonho dos Santos, a Verdade q. é o ideal dos Bons, a Liberdade q. é a ancia dos Povos!

Louise Michel, Vera Zassulic, Sophia Perowskaia e tantas outras são as precursoras da Idea-Nova no campo feminino, e é preciso q. o trajico fim q. algumas tiveram germine, p'ra q. todos, bem unidos, façam approximar-se mais e mais a Epocha da Luz, da Paz e do Bem.

E Domitilla de Carvalho, quando conhecer claramente o Mundo, porq. o examine por seos proprios olhos, porq. o adivinhe pela intuição pura q. o seu temperamento nervoso de poetiza lhe deve dar, verá q. bellos e nobres horizontes, q. sonhos lucidos e pezadellos horriveis, q. mundo novo e q. vida nova lhe escondiam. E mundo novo e pezadellos e sonhos tudo isso ha-de inspirar-lhe estrophes q. poderão não ser proprias p'ra se recitarem numa sala, mas que hao-de ficar como o symptoma d'uma alta individualidade, como o signal d'um temperamento artistico superior.

Guimaraens, S. Mamede d'Aldão, 5—Outubro—1903.



DOMITILLA DE CARVALHO

## SONETOS

1

*Olha-me assim. Na minha vida escura  
O teu olhar é como um sol doirado  
Que a brilhar sobre alguma sepultura  
Lhe desse uns tons alegres de noirado.*

*E a tua voz na minha desventura,  
E' um canto por Deus abençoado  
Um cicar de reza casta e pura  
Que sóa ao meu ouvido extasiado.*

*Que o teu olhar me anime, e a oração  
Da tua voz macia me acalente  
Como em sonho que dure a vida inteira.*

*Recebia a sagrada communhão  
Com essa fé vivissima d'um crente  
Se te visse na hora derradeira.*

(1) Schopenhauer—*Le monde comme représentation et comme volonté*—Tome 1.º, pag. 247.

(2) M. Nordau—*Paradoxos psychologiques*, pag. 163 e seg.

## II

*Quiz recordar o tempo que passou  
Em que puz meu amor e meu cuidado  
Mas julgando que o mal tinha findado  
Todo o mal esquecido me lembrou.*

*D'alguem sonho que a mente me sonhou  
Só a magia deixei, de o ter sonhado.  
Tristezas evoquei, e do passado  
Nem sequer a saudade me ficou.*

*Que estranha condição a d'esta vida!  
Quando a alma descança adormecida  
Do martyrio das suas amarguras,*

*Ergue-se logo em busca d'um tormento,  
Tão afeito a soffrer o Pensamento.  
Antes quer um desgosto que venturas.*

## III

*Tenho na vida um sonho que não cança  
Já de há muito que a mente o vem sonhando  
E quanto mais o sonha mais descança  
A dor que me está na alma soluçando.*

*Sonho lindo que as maguas afastando,  
Me vem numa toada ingenua e mansa  
Recordar terno bem celeste e brando  
Meu santo e casto amor, minha esperança.*

*Doce abrigo santissima guarida  
Onde vai descançar meu Pensamento  
Das luctas dia a dia, d'esta vida.*

*Nem eu queria viver d'outra maneira  
Do que a sorrir no vão contentamento  
De sonhar este sonho a vida inteira.*

Coimbra.

(Inéditos).

ARNALDO PEREIRA

## A SAUDADE

Manhãs da minha aldeia, aureas cheias de côres,  
Em que as pombas a rir, pelas quebradas mansas,  
Vinhão vestir de branco as suas irmãs as flôres,  
Com a frêscia alegria ingenua das creanças!  
Todo o passado em cinza aqui se me retrata  
Com a mesma harmonia illimitada e calma,  
Como d'um sonho azul sôb a influencia grata,  
Em que eu vou para o céu com azas côr de prata,  
Rosas no peito, olhos em Deus, azas na alma.  
Ha uma festa de sôl pelos caminhos fôra,  
Como se Deus pisasse as fôlhas do caminho.  
E ao vosso olhar azul, que me sorria outr'ora,  
Surge inda um namorado á espera em cada nora,  
Canta uma pomba branca a olhar em cada ninho.  
Saem da sombra a rir as arvores doiradas,  
Numa verde explosão de fructas matinaes,  
Como só as havia em epochas passadas,  
Quando dizem que Deus andava nas estradas,  
Abençoando a vinha aos Paes dos nossos paes.  
Havia uma explosão pelos casaes adustos,  
De risos como flôres, ruidosas pyrillampas.  
E resando e cantando, os lavradores robustos,

Fortes como os leões, mansos como os arbustos,  
Invadiam em rancho as luminosas campas.  
Lá vejo na distancia antiga que flammeja,  
A minha casa branca e o meu pombal vasio,  
Que inda sobre o telhado entre os casaes alveja,  
Como uma pomba a olhar no cimo d'uma egreja,  
Como uma vela a rir no mastro d'um navio.  
Branco pombal em flôr, da minha casa enfeite,  
Quando o vejo, florido, assim como um altar,  
Eu julgo que elle vai, quando o luar se deita,  
Desraldar pelo espaço as azas côr de leite,  
Para partir, fugir, pela amplidão do ar!...

.....  
Ai! como é dôce ouvir, d'um bem que se perdeu!  
A cada passo a voz no peito moribundo!  
Recordar o passado é recordar o céu.  
Pobre de quem não tem saudades neste mundo,  
Que ainda é, Senhór, mais infeliz do que eu!  
Que seria de nós, fraquissimos gigantes,  
Se quando ao atirar os olhos ao passado,  
Um anjo não abrisse as azas tryumphantes  
Entre o montão azul das cousas chammejantes  
Que repoisam do além no tumulto doirado!  
A Saudade é o archanjo aereo que nos fala  
Da vida que lá váe, como perdida estrellas,  
Que em vão as nossas mãos procuram agarral'a.  
E se o viver a vida é bom, o recordal'a,  
E' quasi que, meu Deus, tão bom como viver'a.  
Quando a Saudade váe, pelos caminhos fôra,  
Brotam flôres e canta, ao largo, a cotovia.  
Deu-nos Deus na saudade uma segunda aurora,  
Como nos deu no Céu a luz de toda a hora,  
Como nos deu na seara o pão de cada dia.

Lisboa.

(Inédito).

EDUARDO D'ALMEIDA

## A ALMA DE EMILIA

Violentemente, despertando, remexeu-se no  
leito, passou a mão fria pela cabeça, esgasearam-  
se os seus olhos pela escuridão confortante do  
quarto.

No relógio da sala de jantar deram seis horas.  
Abalou-lhe então o corpo um estremecimento  
de dolorosa incredulidade. Viera finalmente esse  
dia tam afastado sempre, indeciso, em que se  
realisariam os grandes desejos da sua mocidade,  
em que possuiria inteiramente aquelle corpo gentil  
e loiro, dia de nova luz, de tanto encanto?

Como viera elle? Como accordára-essa ma-  
drugada?

Na vespera ainda, despedindo-se com loucura  
da vida de solteiro, cheio de alegria nessa noite  
a mais de isolamento e de abandono — bastando  
adormecer para chegar ao outro dia —, não com-  
prehendera a possibilidade de se realizar, em  
poucos minutos, o que sonhara durante annos,  
acabado o caminho longo, interminavel, por onde  
seguira sempre para a conquista.

Pouco a pouco, porém, desfizera-se no seu  
espírito a impressão magoada que produz a reali-  
dade que phantasiáramos, tornando-se verdadeira.  
E já sentia agora uma doce alegria, muito em-  
brulhado na roupa, com muitas horas ainda para  
pensar, na escuridão do quarto, na casa adorme-  
cida. Era toda a historia do seu amor, a prime-  
ra vez que a vira, a primeira carta, a entre-

vista, o ciúme, as horas de ternura, quando se fizera invejar dos seus amigos. Como ella era docil no olhar azul de fada, voluptuosa nos cabellos loiros — que faiscavam ao sol, que o faziam tremer de dulcissima animalidade, — branca como a luz da manhã! O gosto hysterico por sedas, que lhe envolviam o corpo, que lhe contornavam as linhas, as mãos nervosas de unhas rosadas, as rugas salientes do sorrir — traíam a mulher encantadora, enamorada, que tem alma debil como o luar, que amortece os olhos de sentimento, que murmura baixinho as mais nervosas caricias, capaz do esforço heroico de dar num beijo toda a sua mocidade. Ao desfolhar-lhe a grinalda de noiva haviam de rasgar-se, num estertor de magoa consoladora, de brilhar claras as mais escondidas prendas d'aquella alma que elle só poderia comprehender bem no enlanguescer dos primeiros beijos — quando nella vingasse a mulher.

Emilia era uma elegante da nossa sociedade, rainha loira dos salões, fada preciosa dos poetas noctivagos que lhe dedicavam poemas em quatro cantos. Educada nas Dorotheas, bordava, fazia ramos de flores de todas as zonas, tinha rendilhados caprichosos de enfeites, sentimentalismo de notas ao piano e pintava a oleo paesagens symmetricas — uma casinha branca num monte azul, uma arvore parda, um boi côr de amora —, e lia, com desenvoltura, livros francezes numa toada de ladainha, com pronuncia ridicula. Pontual á missa do meio-dia em S. Francisco, á musica no Jardim, nas romarias de perto e nas reuniões da melhor roda. Lêra, com sobresalto d'alma, romances de Pérez Escrich, de Pierre Decourcelle, de Julio Diniz e Julio Verne, as poesias dos semanarios da terra e chorára confrangidamente, sobre as paginas do «Amor de Perdição», uma longa noite de inverno. As suas cartas d'amor, trabalhadas pacientemente, recitadas mil vezes, com raspões d'unha, eram inflammadas, cheias d'uma aspiração mystica, num perfume a violetas.

Era tudo quanto elle conhecia da que, d'ahi a poucas horas, ia ser sua esposa, a vida unida á sua vida, irmanadas as almas, a confidente dos seus segredos, a obreira da sua felicidade doméstica, a mãe dos seus filhos.

... Horas depois, correcto na casaca chic, um pouco pallido, os olhos humidos, as mãos frias, um minuto antes de partir na tipoiã para a egreja, perfumando um lenço de seda chinesa, elle perguntava a si mesmo cheio de horror pelo desconhecido:

—Que vou eu fazer?

(Conclue no proximo numero).



LADISLAU PATRICIO

## Carta a uma franceza

de Guedes Teixeira

Mademoisel' : — Não pense que dou sorte  
Com o seu desdem aos versos que lhe faço;  
Adoro a gravidade, a linha, o côrte,  
Do seu perfil d'uma firmeza d'aço.

Escusa de sorrir. Eu, nesta guerra,  
Não vergo o meu orgulho á sua trôça...  
Sou da rudeza mascula da Serra,  
Onde o brio não quebra como louça!

Nem eu pretendo (e nisto não sou tolo...)  
Urdir-lhe madrigaes de fino lote;  
Mas encostar meus labios ao seu côlo,  
Na abertura lasciva do decôte...

Não vá julgar que endoideci... Não é  
Romanesca impressão tudo isto! Eu sinto,  
Ao vê-la, a excitação d'um bom café,  
A embriaguez chimerica do absyntho...

Qualquer coisa satanica, maldita,  
(A sua vaidade olympica repele-a...)  
Que obriga a vêr numa mulher bonita,  
A' ardencia sensual d'uma camelia.

Sinto um desejo vil e pornographico  
De possuil-a, hysterica de vicio,  
Baldia como um poste telegraphico,  
Vistosa como um fogo d'artificio!

Seu corpo é que estimula este desejo,  
Com toda a furia e perversão carnal...  
E altero, só por isso, mal a vejo,  
Ao meu passeio a direcção normal...

O resto... não! Eu fico indifferente  
A' sua distincção aristocrata.  
Sigo-a como quem segue uma serpente,  
Que fosse sensual como uma gata!

O que existe entre nós? Nada, de pezo:  
Um encontro banal, frio, feliz.  
E o que sente por mim é só desprezo!  
— O que por si eu sinto... não se diz!...

D'aquelle dia em que eu, sempre atrevido,  
Lhe segredei, baixinho: *je vous aime*...  
Conservo de memória o seo vestido,  
Com alamar's de rendas côr de crème...

E os meus olhos medrosos, pode crel-o,  
Servindo um ideal romanticismo,  
Mergulharam na côr do seo cabello,  
Como nas fauces negras d'um abysmo!

E desde a curva do seu peito ardente,  
Até ao afilado das botinas,  
Senti correr o fremito indolente  
Das fórmas caprichosas das ôndinas...

Achei-a esbelta, fina, original,  
Com esse arsinho arisco, presumido,  
E a graça seductora, imperial,  
Com que apanhava a cauda do vestido.

Comtudo, esteja certa que a não amo!  
Olho p'ra si como podia olhar,  
Ardentemente, para um lindo ramo,  
Que eu tentasse morder... e desfolhar!

Não quero o seo amor! Prescindo d'elle!  
Antes livre, antes só... como até aqui.  
E, lá diz um dictado: *Plutôt seul*...  
E acaba: *qu'en mauvaise compagnie*...

(Do Cartas.

(Inédito).



THOMAZ DA FONSECA

ALFREDO GUIMARÃES

### Thomaz da Fonseca

Quando ha annos appareceu alli na vitrine do Lemos a capa amarellada da *Revista Nova*, eu furtei uns tostões ao bolso do collete e comprei os primeiros numeros. Li, e gostei. Mas entre aquella pleiade de Novos arrojados e talentosos, um me conquistou, pelo tom sincero e natural dos seus castos versos, uma sympathia que já havia muito não sentia ao lêr as produções da minha geração.

Era o Thomaz da Fonseca. Vi mais tarde na *Chronica* uma gravura do Poeta, e aquella magnifica cabeça impressionou-me vivamente na sua honesta apresentação, na firmeza dos grandes e negros olhos que ennobreciam aquella cara de homem da serra, valente e saudavel.

Ligaram-nos ultimamente, numa sagrada camaradagem, as paginas da *Ala-Moderna*, e tive ha dias a grande satisfação de o abraçar numa casa da Rua do Bonjardim quando o visitei no Porto. Soube, neste meu canto humilde da provincia, que o seu grande Coração vinha ao Porto fallar em nome da Justiça a um numero collossal de oppri-

midos. Fui lá para o ouvir. Pedia-m'o o grande desejo que tinha de o abraçar. Era bem aquelle o Homem que eu esperava depois de lidos os seus magnificos trabalhos. Um Bom na mais expressiva harmonia do termo.

O Thomaz fallou, e todos tinham do seu magnifico *Direito à Vida* as mais intensas e commoventes impressões.

Veio ao Porto dizer aos opprimidos que se tornassem na tenacidade absoluta d'um homem forte, porque, unidos, venceriam. Que pedir é um crime para os que possuem a' mais forte justiça de causa. E aquella cabeça, onde uma longa barba pôz um solemne culto de respeito, fallava com a musica vibante e magestosa dos homens fortemente sinceros, e inflammava-se num caloroso protesto ao relembrar a situação dos que têm fome e sede de Justiça.

A imprensa do Porto, que viu no protesto do Thomaz «um grande grito aos ouvidos dos nossos dirigentes», para não perder o conceito em que a têm os governantes d'este pays, metten a penna ao bolso da jaqueta, e a respeito de dar a noticia da conferencia do grande revoltado ... nada, absolutamente nada! Diz-me Alguem, do Porto, numa carta, e talvez com razão — «o defeito foi não haver ceia...»

\*

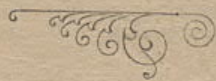
Thomaz da Fonseca publicou, em 1900, o seu primeiro livro — *Dor e Vida* Este lindo e feliz poemeto, vivido e sonoro, falla dos humildes com todo o Amôr que o Coração do Poeta tem aos seus naturais. Com a espontanea sinceridade com que um camponio diria aos seus companheiros a historia alegre ou triste dos seus amôres, conta Elle a sua vida honesta de cavadôr, e o seu desterro espirital na hypocrisia hedionda d'um seminario dirigido pela corja infame dos jesuitas.

Depois colleccionou as poesias do ignorado Manuel Alves, dando á nossa litteratura o mais puro e rustico lyrismo, que uma Alma nobre e intelligente nos legou. E ultimamente o *Tabaco* esse dilacerante livro de critica social, no qual Elle, além d'uma precisão de harmonia na prosa natural e agridoce, é tambem um logico de pulso, e um reformadôr pratico e admiravel.

Agora Thomaz da Fonseca publica brevemente o seu *Biblia do Povo* para o qual o mysterioso Guerra Junqueiro prepara um desejado prefacio.

\*

Tinha muito que dizer d'este Homem extraordinario, mas as paginas d'esta revista são pequenas e urge que eu dê ao compositor estes pallidos linguados. Que me perdõe o povo que me lêr o não lhe ter dado uma viva expressão do grande talento e da sinceridade nobremente honrada do caracter de Thomaz da Fonseca, porque, para Elle, basta esta forte amizade que me liga ao seu altissimo Coração.



THOMAZ DA FONSECA

### A UMA RAPARIGA POBRE

O' minha amiga, como eu lembro com saudade O dia em que rasguei o estranho mandamento, Que nos impunha um dogma infame—a Castidade. Recordas-tê? Entre nós havia um juramento Oculto, que tirava o somno e as alegrias Aos nossos corações sequiosos de ternuras, Feito secretamente a Deus, ás theogonias, Para matar, da carne as tentações impuras... O voto infame! E eu tive ainda a abnegação Louca de amordaçar o impeto ao meu desejo. Até dar, brutalmente, um nó no coração.

Mas um dia nascera o sol! Foi o teu beijo D'amante, chilreado á luz, entre fraguados. Então, meu voto, já desfeito a machadadas, Ao ver teu corpo ideal, caiu, e os teus segredos Vieram a mim, tal como as cabras tresmalhadas, Ao eco do teu buzio, ao teu balar querido, Quando trepam de brejo em brejo, á flor da murta. Até ali, sempre o meu amor fôra coibido, E os meus olhares, como os d'um ladrão que furta A ocultas, sem nunca a tua boca rubra Entoar, ao meu ouvido, um cantico tranquilo. Mas ah! que todo o passo agora se descubra; Venho dizer inteiro o nosso poema; aquilo Que de mais nobre sei e de mais caro tenho. A tua posse — a minha entrada no teu seio...

Mês derosas; manhã tranquila. O amor e o engenho Tinham-nos feito vir ali, coração cheio De desejos, que assim, como uma vaga imensa, Nos inundavam a alma. A serra, erma e florida, Difundia-se em luz, nessa paisagem intensa Que satura de seiva o coração e a vida. E enquanto os pinheiraes, com seu murmurio vago, Nos occultavam, tu, num estase suavissimo, Tentadora, ideal, como a ondina do lago, Banhavas-me na luz do teu olhar dulcissimo, Abrindo para mim teus braços, amplamente! — Depois, aquilo foi naturalmente feito... Linda scena a final, como a de toda a gente: Um abraço em que se une um peito a outro peito, Uma boca que canta um poema, noutra boca... Como sempre uma face onde floresce o pejo, Um corpo que se dá e uma boquinha louca A segredar que não, mentindo ao seu desejo. E de anormal, de estranho, um facto apenas—isto: Tu, simples, luminosa; eu, bom, inter necido; Tu, linda, como um astro, eu, puro como um Cristo... E assim Platão, assim Jesus foi concebido!

Minha amiga, como eu bendigo esse noivado Venturoso, em que nós cooperamos juntos, Para crear um ser... Inda que desgraçado Eu venha a ser, caindo até deixar defuntos Todos os meus ideaes; embora a gatra adunca Da miseria me bata á porta, protestando Fazer de mim um Job, magro e leproso, nunca Riscarei da lembrança o dia memorando, Em que se foi unir ao teu meu pensamento, Em que eu fui astro, e tu, mulher, lhe deste brilho. ...E' que esse dia marca o nosso casamento Onde se concebeu nosso primeiro filho.

(Inédito).



ALFREDO PIMENTA

### ONDE?

Sabeis quem ella é, essa mulher divina Q. me leva a cantar as tragedias do poente? Essa q. tem no andar a maneira franzina Da pallida mulher exanime e doente? Essa, cujos cabellos são d'oiro brilhante Q. reluzem ao sol como metais polidos, Q. poisa o seo olhar altivo e triumphante Nós beijos q. lhe mando em versos mal medidos; Essa q. para mim é tudo quanto existe: Clarão da madrugada e luar da escuridão, E q. me faz andar, ahi, pallido e triste,

Perdido no rumor banal da multidão ;  
 Essa pura mulher de brancas mãos nevadas  
 Q. esconde, com amor, o meo immenso amor,  
 Q. tem phrases subtis, doces como balladas,  
 E prantos p'ra chorar perante a minha dôr ;  
 Essa mulher q. escuta attenta e carinhosa  
 Os versos q. lhe mando—ingenuas oraçoens—,  
 Q. tem a candidez suave d'uma rosa  
 E a ternura infantil dos ternos coraçõens,  
 Sabeis quem ella é? se não sabeis, olhai  
 O doce agonisar da timida andorinha...  
 Um jasmim a murchar, funereo, sem um ay,  
 Lançando o extremo beijo ao sol q. o acarinha!  
 Buscai-a no romper suave da Alvorada,  
 Entre hymnos triumphais q. canta a Natureza,  
 Na illusão q. nos vem da Alma da Ballada,  
 No sonho q. produz o sonho da Belleza!  
 Buscai-a no sorrir da creancinha morta,  
 Deitada no caixão—pallidas mãos erguidas—;  
 Na mendiga senil q. vai, de porta-em-porta,  
 Mendigando o seo pão, entre oraçoens sentidas!  
 Buscai-a no clamor do mar enamorado,  
 Levando a sua alma á magoa do Infinito...  
 Buscai-a no rugir do povo revoltado,  
 Na alma do Clarão, na alma do Granito!  
 Procurai-a na voz do vento a soluçar,  
 Na chuva a blasphemar, batendo nas janellas,  
 Na mystica canção divina do luar,  
 Ou nos labios febris das pallidas estrellas!  
 Na sonhadora voz de divinais poetas!  
 No funebre cantar do tropego coveyro!  
 Na agonia cruel das lindas borboletas  
 Voejando em redor da luz do candieiro!  
 Procurai-a no sonho embalador do fado  
 Q. cantam, a chorar, as cordas da guitarra,  
 No triste gargallar d'um homem desvairado,  
 No despertar febril de musica bizarra!  
 Num nocturno plangente e doce de Chopin!  
 Na tristeza cruel do *Requiem* de Mozart!  
 Nos canticos q. o sol então de manhã,  
 Nas rezas q. o Sol reza, á tarde, ao expirar!  
 Procurai-a na alma hysterica da luz,  
 No perfume q. sai das folhas da Camelia!  
 Na crença q. animou Thereza de Jesus!  
 No amor q. embalou o coração de Ophelia!  
 Procurai-o no mundo: ou no silencio escuro,  
 Ou no meio da luz hysterica q. falla...  
 Procurai-a no Céu! buscai-a num monturo,  
 No Mar, no Som, na Côr!... não haveis de encontra-la!  
 Porq. ella, essa mulher, igual a uma raynha,  
 Q. traz o meo olhar ao seo olhar sujeito,  
 Entregou-me a sua alma e é, portanto, minha;  
 E eu tenho-a escondida, aqui, dentro do peito!  
 E' pequeno, bem sei; mas pode bem esconde-la  
 De maneira a ser vista, apenas pelo olhar  
 Q. lhe lança do Céu a mais fulgente estrella  
 Q. precisa de luz, para poder brilhar!

Coimbra, 1903.

(Inédito).



SYLVIO RAMOS

## Uma pagina intima

(EXCEPTO)

Cariciosamente illuminado pela luz deslumbrante d'este lindo sol de maio, o jardim d'ella estava poeticamente bello, hontem, quando eu passei.

Das corollas suavissimas dos milhares de flôres que desabrochavam, elevava-se ao espaço uma fragrancia almariscada, inebriante, e pelos ramos d'aquelle arvoredado delicioso que tantas vezes me tem acalentado com a sua sombra e com a sua frescura inegalavel, arrulhavam pombos, voejavam borboletas, cantavam aves.

Uma bruma branca, semelhante a um fluido veu de gaze, envolvia todo aquelle conjuncto de flôres e plantas, de ninhos e folhas, e Ella, envolta naquelle seu vestido da côr do azul do ceu, passava altiva atravez dos lyrios de petalas roxas, sorrindo-me a recato, enviando-me beijos.

Lindas! lindas! dizia Ella, correndo atraz das borboletas d'azas de chamma. E tudo a acariciava, todas aquellas flôres a conhecem e a amam, todas aquellas plantas se curvam quando Ella passa.

Ao entardecer, quando o sol se esconde lá ao longe no seu ninho de nuvens de sangue, Ella vem assentar-se alli com as suas flôres e com os seus canteiros. E'—lhe alli o crepusculo mais lindo e a vida mais bonançosa.

Em troca da contemplação e do amor que Ella tem a tudo aquillo, as flôres dão-lhe a fragrancia, as aves dedicam-lhe os canticos e as brisas trazem-lhe os rumores vagos da natureza rejuvenescida.

E parece-me idealmente uma santa, quando, ao passar, a vejo divina e serena, d'olhos fitos no sol que lhe foge ou nas estrellas que começam a tremeluzir.

Doidamente a minha alma sente-se bem, jubila de contentamento sereno e dôce, quando os meus olhos a fitam e quando a contemplo demoradamente, bebendo-lhe no olhar e nos sorrisos a ventura dulcissima, santa e infinda, que nos eleva ao ceu.

Que me deve importar o mundo mau e incorrigivel, que me devem importar os algozes que a prendem e que a opprimem, se Ella me ama e me sorri na sua santa resignação, se eu a contemplo de longe, se sei os seus pensamentos, as suas tristezas e as suas queixas?

\*

Nesta comedia ou drama, a que chamamos Vida, nesta dolorosa via que todos nós temos d'atravessar acalentados pela Illusão, crentes na Fé, calcando abrolhos, caindo a precipicios, chorando e rindo, eu vejo-a sómente a Ella pura e santa, etheria e divina; sinto-a sómente a Ella como um mytho, como uma belleza transcendentalmente celestial.

Noites lindas de lua ou noites negras de borrasca, socegadas ou tempestuosas, eu passo-as em longas vigalias a pensar n'ella, a amá-la...

E a Esperança, o meigo pharol dos desgraçados, o anjo sublimemente meigo, terno e bom, que nos guia p'la estrada da Resignação, tem para mim fulgurações de caricias, ternuras atrahentes de encantos.

Olhos fitos no Futuro, eu caminho a pensar n'ella, guiado p'la Esperança, acalentado p'la Fé, em busca da ventura que me sorri ao longe como um oasis santo de paz e de pureza.

Guimarães, 1903.

(Inédito).

